

# A GLOBALIZAÇÃO NÃO É GLOBAL

José Sarney

Quando se fala no tipo de sociedade que está sendo gerada pela economia neoliberal, não estamos falando de abstrações, mas de realidade de cada vez mais comprovadas. A economia de mercado é um grande instrumento a serviço da riqueza. Mas ela tem no seu âmago uma estrutura de injustiça que não pode ser esquecida: exacerba os extremos, os ricos ficam cada vez mais ricos, os pobres cada vez mais pobres, e ela é péssima distribuidora de renda. Isso ocorre com pessoas e com regiões.

Os países ricos, quando obrigam a abertura total dos mercados, sabem que ganham uma condição de competição que os pobres jamais podem acompanhar. Acrescente-se a esse fato o poder que detêm e que lhes facultam usar de barreiras não tarifárias para proteger os seus mercados, em geral grandes consumidores. Vejam-se como exemplo a taxação do suco de laranja do Brasil para entrar na Califórnia, as cotas de calçado, do aço, do têxteis, as barreiras sanitárias usadas unilateralmente e até as condicionantes ecológicas, utilizadas como pretexto. Os países em desenvolvimento — é a ordem — têm de abrir suas economias, mas os grandes têm força de fechar as suas e usar subsídios.

Isso gera um mundo desigual e injusto, e nada que é injusto pode prevalecer. A globalização, invocada para tornar o modelo compulsório, nada mais é que um processo que se limita aos meios de comunicação e aos mercados financeiros. Está ainda muito longe a realidade de um mundo globalizado em seus procedimentos éticos e de respeito aos direitos humanos.

Essa paisagem mundial mostra, claramente, aquilo que sempre existiu, de os vencedores poderem impor seus ideais e redesenhar o mapa do poder mundial e tentar estratificá-lo, mediante a nova ideologia consagrada do neoliberalismo. O processo é o mesmo. Os vencedores ditam suas normas. Não foi por outro motivo que Bush, quando presidente, disse: "Os Estados Unidos assumem esta liderança porque são o único país que tem a estatura moral e os meios para sustentá-la".

A globalização, assim, passa a ser um processo, por dois motivos: primeiro, o avanço da ciência e da tecnologia, tornando o mundo cada vez mais interdependente; segundo, a utilização dessas conquistas científicas por uma vontade política incontestável, a primeira na história da humanidade a enfeixar poderes políticos, militares, científicos, tecnológicos, culturais.

A grande interrogação são as consequências desse processo nos países ricos, em desenvolvimento e nos países pobres. Já nos próprios países ricos, verifica-se que os benefícios estão sendo distribuídos de maneira desigual, marginalizando grupos inteiros da população, a par de des-

monte do Estado do Bem-Estar Social, quebra da previdência, desemprego e outros graves problemas. Convém acrescentar o risco permanente de explosão no fluxo de capital que gira sem controle e que, a qualquer momento, pode causar uma catástrofe econômica mundial. Uma pequena amostra disso foi a crise do México e seu efeito "tequila".

Quanto aos países pobres, o neoliberalismo os condena à desgraça eterna. Fukuyama, o guru profeta dos novos tempos, definiu: "A grande maioria dos países pobres continuará submersa nos pântanos da

História".

Nos países em desenvolvimento (Brasil), as variáveis externas ganham prioridade sobre as questões nacionais. Seus objetivos passam a ser, exclusivamente, priorizar a economia e gerar competição internacional. Esses países, mais do que todos, com uma base industrial integrada e diversificada, têm pago um ajuste muito maior para integrar-se à economia mundial. O resultado é o desemprego, os baixos salários e o total abandono das políticas sociais.

Não é menos relevante que esses países, para enfrentar os problemas

de ajuste e de competição, em vez de aprofundar o processo democrático, tornam-se autoritários e utilizam os fins para justificar os meios, e assim criar um retrocesso político, que pode ser explícito, como Fujimori no Peru, ou disfarçado, como em outros países do continente.

Esse caminho não será o caminho definitivo da humanidade porque, como toda ideologia sectária, mais cedo do que se pode pensar, vai desmoronar.

■ José Sarney é senador pelo PMDB do Amapá

